

DA SABEDORIA CLÁSSICA À POPULAR

Jacir J. Venturi

DA SABEDORIA CLÁSSICA À POPULAR

3.^a Edição - Revista e atualizada

Curitiba – 2011

DA SABEDORIA CLÁSSICA À POPULAR

© 2008, by Jacir J. Venturi

Direitos reservados.

Permitida reprodução para fins não-comerciais, desde que citada a fonte.

Supervisão Editorial

MARLISE DE CÁSSIA BASSFELD

Capa

TIF COMUNICAÇÃO – Waldemar Segundo

Revisão

MARLISE DE CÁSSIA BASSFELD

Melissa Farias Zanardo Andreata

Neuza M. Reich Padilha

Projeto Gráfico e Diagramação Eletrônica Original

Keli Cristina Souza

Diagramação Eletrônica das Atualizações da 3.^a Edição

Jeanfrank Teodoro Dantas Sartori

V469

Venturi, Jacir J., 1949 -

Da Sabedoria Clássica à Popular/ Jacir J. Venturi. -
Curitiba: Editora ..., 2011 (3.^a Edição)

177 p.

ISBN 978-85-61550-00-4

1. Obras Gerais. 2. Crônicas. 3. Humor.
4. Pensamentos. 5. Fábulas. 6. Desafios
ao Raciocínio

I. Título

Dedicatória

Dedico este livro às pessoas que procuram o melhor no outro e ao outro também oferecem o melhor de si.

PREFÁCIO

Como nasceu este livro

No interior de Santa Catarina, viveu um menino que trazia consigo a marca da curiosidade e o interesse de multiplicar referências em torno de temas que lhe tocavam.

O tempo passou e o menino foi embora daquele lugar. Jacir J. Venturi fez-se engenheiro, professor, empresário, pai de família e, através de luas e sóis, acompanhava-lhe a exuberância do amor pela educação e pela Matemática.

Contudo, ao longo da lida com os números, com as dificuldades e venturas cotidianas do ambiente educacional, envolvido com alunos desde a idade pré-escolar até a universidade, teceu curiosa mania de colecionar letras que se juntavam para algum tipo de pedagogia para consumo próprio.

Por mais de três décadas, seus bolsos guardaram pequenos recortes de jornal, pedacinhos de papel rascunhados às pressas, com pensamentos, aforismos, crônicas, anedotas, fábulas e tudo quanto pudesse acrescentar ao seu modo de vida um *quantum* de sentido e aprendizagem.

Com a implicação de quem leva o tempo e o espaço a sério, com a sensibilidade de quem valoriza a qualidade nas relações humanas, fez mais. Escreveu livros para desmitificar conceitos matemáticos, buscou aproximar a Matemática não apenas dos neurônios, mas do coração dos seus leitores, cujas obras vão sendo reeditadas quando uma tiragem chega ao fim. E há sempre quem precise de um livro seu para esclarecer-se na própria relação com o cálculo, com a exatidão da lógica dos números.

Também tem escrito artigos e crônicas ao público adolescente e seus pais, sempre preocupado em contribuir de alguma forma para aproximar o humano do humano.

Se possível fosse calcular com exatidão o aspecto significativo da experiência que publica agora, diríamos que se trata de uma expressão outra, sobre

o mesmo tema: seu amor pela operação de divisão, uma partilha que inclui o leitor na viagem que fez aos idos de Aristóteles, ou antes, passando pelos expoentes do pensamento universal de todos os tempos, até os dias de hoje.

Dispor-se a registrar, numa só sequência de páginas, a riqueza apontada historicamente por meio da palavra dos grandes mestres, foi-lhe atividade resultada do desejo de colecionar as diversas facetas da vida, da forma como é misturada.

Assim, *Da sabedoria clássica à popular* faz ponte entre os séculos que passaram e o jovem século XXI e constata – sempre é bom lembrar – que somos falíveis, mas viáveis, que somos falhos, mas buscamos o bem-querer, o bem-dizer, o bem-fazer.

A todos que se interessam em aprender mais, eis *Da sabedoria clássica à popular*: meio para o livre-pensar, para o encontro de novas ideias, conjunto aberto à transformação.

Boa leitura!

Marlise de Cássia Bassfeld,
Jornalista, Editora

PRÓLOGO

Os textos deste livro dão prioridade às relações humanas. Podem ser lidos como uma resenha dos recantos da alma, com suas mazelas e virtudes.

Ambrose G. Bierce (1842-1914), jornalista e escritor norte-americano, tem uma frase que resume bem essa ideia: “Em cada coração humano há um tigre, um porco e um rouxinol”. Propositadamente, *Da sabedoria clássica à popular* é um livro eclético, caleidoscópico. É um mosaico de diversos matizes. Na mesma página, você encontra pensamentos, crônicas e humor sem qualquer amarração, organizados em temas díspares. O caos – ensina a matemática – também tem sua lógica.

De início, pensei em dividir o livro em três grandes capítulos: um com pensamentos, outro com textos e outro com humor. Ou, então, queria apresentá-los por assuntos temáticos ou, ainda, suprimir aquilo que julgasse mais picante. No entanto, correria o risco da monotonia, da tibieza, do sabor insosso. O condimento se faz necessário. Ademais, até que ponto temos o direito de desmerecer o que a sabedoria popular e a tradição oral consagraram?

Pequenas fábulas que escrevi, assim como excertos cômicos e desafios ao raciocínio resultam de diversos tempos e contextos, cuja origem está nos meios convencionais – livros, jornais, revistas, rádio, palestras, internet – bem como onde a sabedoria popular é pujante e, de modo apropriado, recebe o nome de *Street University ou Life University* – a Escola da Vida: roda de amigos, convivência com jovens, mesas de bares, salas de professores, reuniões, entre outros ambientes.

Também constam neste livro alguns artigos meus, sobre os mais variados temas, que foram publicados em jornais (Gazeta do Povo, O Estado do Paraná, Jornal do Estado, A Notícia, Folha de Londrina, O Paraná, Jornal do Povo de Três Lagoas) e revistas (Mestre, Linha Direta, Educação, Gestão Educacional, Dimensão, Sociedade Brasileira de Matemática etc.).

Destarte, *Da sabedoria clássica à popular* tem por fulcro o acervo popular e a sabedoria oriunda de pensadores renomados, desconhecidos e anônimos. A palavra é o diferencial supremo entre as criaturas. Oral ou escrita, é materializada pela boca ou pelo braço (mão) dispostos organicamente entre o coração e o cérebro.

Assim, a leitura desta obra deve ser feita sem sofreguidão, sorvendo ou degustando-se as palavras, respeitando-se a passagem dos dias. Ler o que se gosta é um dos grandes prazeres da vida. O dia termina em agonia? Ofensas? Socorra-se em Montesquieu: “Jamais sofri uma mágoa, que uma hora de boa leitura não tenha curado.”

Nos últimos anos, o Colégio Decisivo tem trazido a Curitiba escritores da Academia Brasileira de Letras para falar com nossos estudantes. Depois de um desses eventos, em certa ocasião, numa mesa de jantar, Carlos Heitor Cony instigava Nélida Piñon sobre o prazer da leitura:

– A leitura é a coisa mais erótica da vida – provoca Nélida, com um sorriso malicioso.

– A leitura é o maior prazer da vida, depois daquele outro – complementa Cony antes de uma gargalhada.

De fato, como leitor voraz, ao longo de 35 anos, juntei milhares de pensamentos, chistes, trocadilhos, garimpados em águas límpidas ou barracentas, da margem ao talvegue. Ou, tergiversando, passaram por mim milhares de conchas, as quais abri-las, uma a uma, foi mesmo prazeroso. Fi-lo com a volúpia de quem escolhe maravilhosas pérolas entre moluscos e nácares. Seleccioná-las, considerando o que poderia ser mais interessante, foi a tarefa mais difícil, por ser subjetiva.

Assim mesmo, arrisco-me ao gosto do público leitor – tão diverso e heterogêneo! – e espero contribuir para que o exercício do pensamento lhe traga a máxima satisfação possível.

Viver e aprender

Como livre-pensador, entendo que a lógica e os sentimentos devam estar a serviço de se viver melhor. Até aqui, por sete lustros tenho exercido intensamente o cargo de diretor de três escolas, além de ter sido professor da quinta série ao curso pré-vestibular. Também lecionei em duas universidades, em cursos de graduação e de mestrado.

Reconheço ser um atento ator e observador da vida familiar, pois são ambientes ricos e dinâmicos em termos de convivência humana. Escola e família são ambientes que, quando neles se convive com zelo e paixão, alternam-se alegrias, frustrações e conflitos. São meios em que a alma, o espírito, o corpo – o ser holístico de cada um –, experimenta metamorfoses profundas, desnudam-se e revelam suas dificuldades e virtudes.

Desde cedo, beneficiei-me da generosidade nobre e desprendida de muitas pessoas. Também cresci pela incompreensão de outras tantas. Dessas vicissitudes, resulta que a vida se mostra tanto num “vale de lágrimas” quanto num Olimpo de alegrias: seja na bucólica e rural Agrônômica (SC), no internato em Lages, cujos padres reverencio pela abnegação e disciplina, seja em Curitiba, pelas fortes exigências da vida profissional.

Em Lages, aprendi a apreciar a filosofia, o latim, o grego, as artes, as ciências e o gosto pela leitura. Curitiba levou-me à Matemática: “rainha e serva de todas as ciências”; ou, nas palavras de Ernesto Sábato, “um mundo de infinita harmonia, com o seu universo platônico, com sua ordem perfeita, seus objetos eternos e incorruptíveis”.

A propósito, quando perguntaram a Platão sobre a atividade divina, ele respondeu: “Deus eternamente geometriza”. A Matemática enseja o apanágio da lógica, da têmpera racional da mente e da coerência do pensamento.

Nesse percurso, admito que fui mediano em muitas iniciativas, não tanto por falta de esforço, mas pelas próprias limitações e necessidades prementes de cumprir obrigações do cotidiano profissional e familiar.

Agora, vem-me à lembrança uma passagem dos meus 19 anos, quando adentrei ao gabinete de um renomado professor de Matemática. Tinha-o como profissional exigente, cartesiano, essencialmente racional. Para minha surpresa, sobre sua mesa de trabalho lia-se uma única frase, em bom latim: “*Homo sum; humani nihil a me alienum puto.*” – verso de Terêncio (c.190 – c.159 a.C.), comediógrafo romano: “Homem sou; nada do que é humano reputo alheio a mim”.

Aprendi com os bons profissionais, nas mais diversas áreas – especialmente entre os educadores – que todos carregam em si a chama esplendorosa do idealismo e da solidariedade. São pessoas que sempre vão além do seu dever. De fato, sinto-me um pouco a soma de cada familiar e de cada amigo. A eles sou eternamente grato pela presença em minha vida.

Por fim, ao oferecer este livro ao leitor, expresso a alegria de ter procurado empregar utilmente o tempo, desejando que estas páginas também possam suscitar-lhe mais vida, mais graça e, quiçá, mais sabedoria para seu crescimento pessoal, para seu desenvolvimento humano.

O autor

Curitiba, Outono de 2008

Montgomery x Churchill: guerra dos egos

Bernard Montgomery era tido como o maior marechal inglês. Entre suas proezas, destacava-se a vitória sobre Rommel (1942) e o comando supremo das forças terrestres no desembarque na Normandia (1944). Presunçoso, chamou os repórteres para uma entrevista:

– Querem saber por que sou o maior sucesso militar do mundo livre? Porque não bebo, não fumo, não jogo e não prevarico. Além disso, faço ginástica todas as manhãs.

– Sabedor das palavras de Montgomery, um amuado Winston Churchill, primeiro-ministro e principal artífice da vitória sobre os nazistas, replicou aos repórteres:

– Anotem aí: bebo, fumo, jogo, prevarico e não faço ginástica. E sou o chefe dele...

Pensamentos

- “O importante não é o que fizeram de nós, mas o que fazemos do que fizeram de nós.”

Jean Paul Sartre (1905-1980), escritor e filósofo francês

- “O oposto do amor não é o ódio, mas a indiferença.”

Érico Veríssimo (1905-1975), romancista gaúcho

- “Na boca de quem não presta, quem é bom não tem valia.”

Chico Anysio (n. 1931), humorista

Dez ensinamentos para educar um filho

A exemplo de Moisés, que sobe a montanha e recebe do Todo-Poderoso um decálogo, imagino um pai amoroso e responsável – ou mãe – que se dirige ao Bom Deus e Lhe suplica conselhos para educar bem seu filho.

Num intróito bem descontraído, o Grande Arquiteto lembra que são tantos os conflitos, as angústias e também as alegrias que, ao ser pai ou mãe, fecham-se as portas do purgatório: é paraíso ou inf... e Deus pede desculpas, pois essa palavra Ele prefere não pronunciar. Recorda que as maiores vicissitudes de

Sua eternidade foram os 33 anos que Seu Filho viveu na Terra: num domingo foi ovacionado pelas ruas de Jerusalém e, na semana seguinte, as mesmas pessoas O condenaram à crucificação.

Acrescenta que educar um filho é a tarefa mais nobre – porém a mais difícil – que Ele concedeu à espécie humana. E, em tom afável e terno, o Bom Deus declama os 10 ensinamentos:

1) Imporás limites.

Quando exercida com equilíbrio, a autoridade é uma manifestação de afeto e traz segurança para a vida adulta. São pertinentes as palavras de Marilda Lipp, doutora em Psicologia pela Unicamp: “O comportamento frouxo não faz que a criança ame mais os pais. Ao contrário, ela os amará menos, porque começará a perceber que eles não lhe deram estrutura, se sentirá menos segura, menos protegida para a vida. Quando os pais deixam de punir convenientemente os filhos, muitas vezes, pensam que estão sendo liberais. Mas, a única coisa que estão sendo é irresponsáveis”.

2) Transmitirás valores.

O filho precisa de um projeto de vida. Desde pequeno, é importante que desenvolva valores inter e intrapessoais, como ética, cidadania, respeito ao meio ambiente, amor pela vida, o que enseja adultos flexíveis e versáteis, que sabem trabalhar em grupo, abertos ao diálogo, às mudanças e às novas tecnologias. De todas as virtudes, a mais importante é a solidariedade: base e doutrina precípua de quase todas as religiões.

3) Valorizarás a escola e a família.

Nós, educadores, erramos sim! E nós, pais, também! Educar é conviver com erros e acertos. Mas é preciso que a criança e o adolescente valorizem o ambiente escolar e familiar, onde desenvolverão a tolerância, a ponderação diante do erro, preparando-se para uma vida em que os conflitos e falhas serão inevitáveis. Em essência, deve haver entendimento entre pais e educadores. O filho é como um pássaro que dá os primeiros voos. Família e Escola são como duas asas: se não tiverem a mesma cadência, não haverá boa direção para o nosso querido educando.

4) Darás segurança do teu amor.

Importa mais a qualidade do nosso afeto que a quantidade de tempo disponível ao filho. É preciso nutri-lo afetivamente, pois a presença negligente é danosa para o relacionamento. A paternidade responsável é uma missão a que não se pode furtar. No entanto, veem-se filhos órfãos de pais vivos. A nossa vida profissional, apesar de suas elevadas exigências, pode muito bem ser ajustada a uma vida particular equilibrada. Dá um abraço no teu filho todos os dias.

5) Tratarás o teu filho com respeito e cordialidade.

Se tratamos os amigos com urbanidade, por que não o nosso maior tesouro? Imprimamos nele um pouco de nós, pelo diálogo franco e pelo exemplo. Educamos menos pelos cromossomos e mais pelo “como-somos”.

6) Gradativamente, encorajarás teu filho a enfrentar e resolver desafios.

O caminho da evolução pessoal não é plano nem pavimentado. Ao contrário, é permeado de pedras e obstáculos, que são as adversidades, as frustrações, as desilusões. Da superação das dificuldades advêm alegrias e destarte aprimora-se a autoconfiança para novos embates. Há momentos em que os pais devem ser dispensáveis. Ao filho “devemos dar-lhe raízes e dar-lhe asas”. A psicóloga Maria Estela E. Amaral Santos é enfática: “um filho superprotegido possivelmente será um adulto inseguro, indeciso, dependente, que sempre necessitará de alguém para apoiá-lo nas decisões, nas escolhas, já que a ele foi podado o direito de agir sozinho”.

7) Consentirás que haja carências materiais.

Cobrir o filho de todas as vontades – brinquedos, roupas, passeios, conforto – é uma imprevidência. Até quando perdurarão essas facilidades? É comum priorizar ao filho aquilo que não tivemos na infância. Mas lembremos que muitos momentos felizes vividos foram de interação e simplicidade: nadar no rio, andar a cavalo, pedalar a bicicleta, empinar pipa, correr de rolimã, subir em árvores, dar banho no cachorro, jogar bola, ir ao cinema, ler, cantar, assobiar, brincar com os amigos.

8) Concederás tempo para a criança ser criança.

Não devemos sobrecarregar o filho com uma agenda de executivo: esportes, línguas, música, excesso de lições, atividades sociais. Se queirmos etapas de seu desenvolvimento, ele será um adulto desprovido de equilíbrio emocional. Precisa brincar, partilhar experiências, conviver com os amigos, desenvolver suas faculdades psicomotoras e a sociabilização.

9) Desenvolverás nele bons hábitos alimentares e exercícios físicos.

A saúde é um dos principais legados para nosso filho. Não devemos descuidar desse aspecto fundamental. Nosso filho será uma criança e um adulto saudável pela prática regular de esportes e pela ingestão diária de proteínas, frutas, verduras, legumes e muita água. Também deve tomar sol nos horários recomendados. Tais hábitos promovem o bem-estar, a auto-estima e a boa disposição para a vida.

10) Convencerás o teu filho a assumir tarefas no lar.

Certamente haverá resistência. Mas ele deve ter responsabilidades em casa, assumir algumas tarefas domésticas como limpar os tênis, fazer compras, lavar louça, tirar ou colocar a mesa, limpar a sujeira do cãozinho e alimentá-lo, entre outras. É indispensável que tenha hábitos de higiene e mantenha arrumado o seu quarto.

Pensamentos

- “Uns nasceram para o martelo, outros para a bigorna.”
François M. Voltaire (1694-1778), escritor francês
- “Pessoas idosas dão bons conselhos pois não conseguem dar maus exemplos.”
Chiste popular
- “Ao perder a ti, tu e eu perdemos.
Eu porque tu eras o que eu mais amava
E tu, porque eu era o que te amava mais.
Contudo, de nós dois, tu perdeste mais do que eu
Porque eu poderia amar outra como amava a ti
Mas a ti não te amarão como te amava eu.”
Ernesto Cardenal (n. 1925), poeta, sacerdote e político nicaraguense

Tempos de globalização

As fábulas do gato e do rato sempre foram famosas no imaginário popular: um dia é da caça, outro é do caçador. Certo dia, ao querer respirar os ares do mundo, o rato saiu do esconderijo. Após um tempo de silêncio absoluto, ouviu um latido e pensou: “Se há cachorro, é porque o gato anda longe...”. Qual o quê! Mal olhou para o lado e só ouviu um miado valente do gato, que o abocanhou de um só golpe. Ainda assim, o rato conseguiu perguntar:

– Desde quando você é bicho que late?

Moral da história:

Nestes tempos de globalização, quem não fala duas línguas morre de fome.

Pensamentos

- “É impossível evitar que os pássaros da dor, da angústia e do desespero voem sobre nossas cabeças. Mas podemos evitar que façam ninhos em nossos cabelos.”

Provérbio chinês

- “Todos os que meditaram a arte de governar os homens se convenceram de que o destino de um país depende da educação dos jovens.”

Aristóteles (384 a.C. – 322), filósofo grego

- “Coração é terra que ninguém pisa.”

Citado por Hélio Congro, pecuarista sul-matogrossense

O professor arrependido

Histórias pitorescas sempre têm um pouco de fantasia, principalmente quando se reportam a homens bem-sucedidos.

Conta-se que na Universidade de Harvard havia um professor de Matemática extremamente rigoroso.

Na última avaliação do ano, elaborou uma prova muito difícil e lançou um desafio a seus alunos: “se um de vocês tirar nota 10 nesta prova, peço demissão da Universidade e serei seu assessor”.

Era seu aluno um fedelho de 17 anos, no entanto, brilhante nessa disciplina, considerada a “rainha e serva de todas as ciências”. Obteve nota 9,5.

Até hoje, o nosso caro professor lamenta ter sido tão exigente. Perdeu a oportunidade de se tornar um dos homens mais ricos do Planeta.

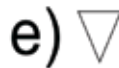
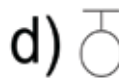
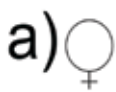
Em tempo: o aluno se chamava Bill Gates.

Pensamentos

- “Se queres ser bom juiz, ouve o que cada um diz.”
Anexim popular
- “Não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o direito de dizê-la.”
François M. Voltaire (1694-1778), escritor francês
- “Jamais entraria num clube que me aceitasse como sócio.”
Groucho Marx (1890-1977), humorista norte-americano

Desafiando o seu raciocínio

I – Assinale a alternativa que corresponda ao 5.º símbolo da sequência:



II – Um tijolo pesa dois quilos mais meio tijolo. Quanto pesa um tijolo e meio?

Respostas à página 174. Referências I e II.

Pensamentos

- “É bom ter dinheiro e as coisas que o dinheiro pode comprar. Mas é bom também verificar de vez em quando se não estamos perdendo as coisas que o dinheiro não pode comprar.”

George Horace Lorimer (1867-1937), editor americano

- “Que Deus me proteja dos meus amigos. Dos inimigos, cuido eu.”

François M. Voltaire (1694-1788), escritor francês

- “A gente não envelhece de todo. Fica sempre um pouco de mocidade nas meninas de nossos olhos.”

Autor anônimo

Você pode me vender uma hora do seu tempo?

Todo dia o mesmo ritual: o pai extenuado chega à noite em casa após o duro dia de trabalho. Seu filho, com os olhos cheios de admiração abraça-o, trocam algumas palavras sobre a escola e se despedem com beijos na face, o boa-noite e o durma-com-os-anjos.

Certo dia, com a voz tímida, o garoto pergunta ao pai que acaba de chegar:

– Papai, quanto você ganha por hora?

O pai surpreso, desconversa. O filho insiste:

– Papai, quanto você ganha por hora?

O sempre ocupado pai promete uma resposta para o dia seguinte, mas se aflige com a pergunta. Passado algum tempo, dirige-se ao quarto do filho e o encontra deitado.

– Filho, você está dormindo?

– Não, papai! – responde o garoto.

– Querido, eu ganho doze reais por hora.

O filho levanta-se da cama, abre a gaveta e conta doze notas de um real.

Abraça o pai com ternura e, com os olhos cheio de lágrimas, pergunta:

– Você pode me vender uma hora do seu tempo?

Esta conhecida, singela história – e, para alguns, piegas –, enseja a meditação sobre a disponibilidade de tempo para com os filhos.

Mais cedo do que se pensa, os filhos compreenderão:

- a) a árdua luta dos pais pela sua sobrevivência profissional;
- b) o necessário cumprimento dos deveres no importante papel de provedores;
- c) que a dedicação ao trabalho é fator de realização pessoal e é modelo de responsabilidade.

Busca-se, evidentemente, a prevalência do bom senso, da medida, do equilíbrio entre a vida profissional e a vida familiar.

Neste contexto, importa mais a qualidade do afeto que a quantidade de tempo disponível aos filhos. O abraço afetuoso, o beijo estalado, a imposição de limites, o diálogo objetivo e adequado à idade, o acompanhamento do rendimento escolar, a presença nos momentos de lazer ou doença e a transmissão (pela palavra e pelo exemplo) de valores éticos e de cidadania, podem ser praticados diariamente – com ênfase nos finais de semana – por pais que trabalham cerca de oito, nove ou dez horas por dia.

Gutemberg B. Macedo (em seu excelente livro *Fui Demitido: E agora?*, Editora Maltese) dá seu depoimento:

“Conheço executivos bem sucedidos que mantêm uma vida balanceada. São bons profissionalmente e, até prova em contrário, bons maridos, bons pais, bons líderes e bons cidadãos. O segredo? Saber dividir, compartimentar esses diferentes papéis. É preciso parar para refletir com profundidade. A vida é uma benção de Deus. Desequilibrá-la é destruí-la. E destruí-la é uma espécie de estupro da própria divindade. Se Ele descansou, quem afinal você pensa que é para querer ir além”?

Segurança do amor de seus pais. Este é o fulcro do relacionamento. A paternidade responsável é uma missão e um dever a que não se pode furtar. No entanto, veem-se nas escolas filhos órfãos de pais vivos. E, na maioria das vezes, falta de tempo é apenas uma desculpa para a sua omissão. A vida profissional, apesar de suas elevadas exigências, pode muito bem ser ajustada a uma vida particular equilibrada. É uma questão de ênfase e dosagem de tempo.

Pensamentos

- “Se eu tivesse todas as qualidades que minha mulher exigia num homem, nunca teria me casado com ela.”
Henny Youngman (1906-1998), humorista norte-americano
- “O mundo não está interessado nas tempestades que encontraste. Quer saber se trouxeste o navio.”
William McFee (1881-1966), escritor inglês
- “O bom Deus, que limitou a inteligência humana, poderia ter limitado também a estupidez.”
Konrad Adenauer (1876-1967), estadista alemão

Pernas para que te quero!

Um brasileiro e um americano decidem caçar na África. Enquanto tomam banho num riacho, surge um tigre. O americano rapidamente pega a espingarda, mira o bichano, aperta o gatilho uma, duas, três vezes e nada de funcionar.

Desesperado, volta-se para o companheiro que calçava rapidamente seu par de tênis. Sem entender, o americano tenta ser convincente:

- De que adianta calçar o tênis se o tigre corre muito mais que você?
- Não preciso correr mais que o tigre, preciso correr mais que você – responde o brasileiro.

Pensamentos

- “No fim, tudo dá certo. Se não deu, é porque ainda não chegou ao fim.”
Fernando T. Sabino (1923-2004), romancista e jornalista mineiro
- “O que falta a muita gente para ser feliz é não ter sido infeliz.”
Emile de Girardin (1806-1881), jornalista e político francês
- Não pretendo ser mais o rico do cemitério.

O pardal inconformista

Era uma vez um pardal inconformista que, durante o inverno, decidiu não voar para o Sul. Contudo, a temperatura ficou tão fria que ele relutantemente empreendeu o voo migratório. Em pouco tempo, o gelo começou a se formar em suas asas, e ele caiu num curral, quase congelado.

Uma vaca passou e defecou no pardalzinho. Pensou que fosse o fim. Mas as fezes o aqueceram e descongelaram suas asas. Restabelecido e feliz, capaz de respirar, começou a cantar. Um gavião escutou o gorjeio, atento ao movimento das fezes, vislumbrou o pardal e prontamente o comeu.

Moral da história:

- 1.º *Todo aquele que defeca em você não é necessariamente seu inimigo.*
- 2.º *Todo aquele que tira você das fezes não é necessariamente seu amigo.*
- 3.º *Quem está na bosta não pia.*

Pensamentos

- “A natureza deu ao homem um cérebro e um pênis, mas insuficiente sangue para fazê-los funcionar simultaneamente.”
Sabedoria popular
- “As mulheres foram feitas para serem amadas e não compreendidas.”
Oscar Wilde (1854-1900), escritor inglês de origem irlandesa
- “Muitas vezes quando se promove um bom sargento a general, perde-se um bom sargento e ganha-se um péssimo general.”
Napoleão Bonaparte (1769-1821), imperador da França

Linda e burra

– Meu bom Deus – pergunta o homem – por que você fez a mulher tão linda?

– Para que você possa amá-la – responde o Todo Poderoso.

– Mas então por que tão burra? – insiste o homem com ar superior.

– Para que ela possa amá-lo! – faz-se generoso o bom Deus.

Pensamentos

- “Não queime pontes. Você ficará surpreso ao descobrir quantas vezes terá que atravessar o mesmo rio.”

Autor anônimo

- “Devemos ser gratos aos idiotas. Sem eles, o resto de nós não seria bem-sucedido.”

Mark Twain (1835-1910), escritor norte-americano

- “Onde entra sol não entra doença.”

Anexim árabe

O bode russo

Na década de 1960, imperava o comunismo em toda a Rússia. Um casal com quatro filhos morava num minúsculo apartamento, constituído de um quarto, cozinha e banheiro.

Toda semana, o pai aflito com o desconforto da família procurava o Conselho Soviético de Habitação para solicitar um apartamento de dois quartos. E nada de ser atendido.

E o pai continuava insistindo e se lamentando.

Num belo dia, um membro do Conselho de Habitação chega até o cubículo portando um bode imenso:

– Camarada, de hoje em diante terás a guarda deste animal em teu apartamento. São ordens superiores!

De nada adiantaram as súplicas e promessas do pai de que ficaria conformado com a sua situação.

Passaram-se meses de convivência, e, a família, sem alternativas, aguentava estoicamente o bodum do caprino. Foi, então, que o Conselho pediu a devolução do animal bodoso.

E a família, aliviada, passou a viver feliz em seu minúsculo cubículo.

Moral da história:

Problemas menores desaparecem frente a um problema maior.

Pensamentos

- “A primeira metade de nossas vidas é arruinada por nossos pais e a segunda por nossos filhos.”

Clarence Darrow (1857-1938), advogado americano

- “Cada vez que nomeio alguém para um cargo, crio dez descontentes e um ingrato.”

Luís XIV (1638-1668), rei da França

- “A distância mais longa é entre a cabeça e o coração.”

Thomas Merton (1915-1968), poeta francês

A natureza não mais se defende. Vingá-se!

Um dos maiores paradoxos atuais da humanidade é zelarmos tanto pela saúde e bem-estar de nossos filhos e pouco nos importarmos com sua qualidade de vida, daqui a trinta ou cinquenta anos. “A terra não nos pertence. Ela foi emprestada de nossos filhos”, advertia um cacique indígena americano, há mais de um século.

Ademais, torna-se insensato e irônico pensar que nós, humanos, que nos proclamamos inteligentes, somos os únicos – os únicos – a promover o desequilíbrio natural.

Existe uma relação direta entre as agressões ao ambiente e os cataclismos provocados pela natureza injuriada. Conforme estimativa da Organização das Nações Unidas (ONU), o aquecimento global tem provocado, a cada ano, 150 mil mortes e prejuízos de 70 bilhões de dólares. Em relação a 2005, a ONU também catalogou 360 desastres ambientais, dos quais 259 foram creditados à elevação da temperatura na Terra. O agravamento foi de 20% sobre o ano anterior.

A Mãe Natureza é, a um só tempo, primitiva e nobre ao agir. É agradecida com quem a trata bem, além de ser espontaneamente dadivosa, bela e vivificante. Porém, pedagógica, ou sabe ser vingativa aos 6,5 bilhões de terráqueos: “se alterarem o equilíbrio natural, eu os arruíno” – diria ela.

“A sobrevivência de toda humanidade está em perigo. É o momento de sermos lúcidos. De reconhecer que chegamos ao limite do irreversível, do irreparável”, adverte o Comunicado de Paris, assinado por representantes de quarenta países, reunidos em fevereiro de 2007.

Não há mais o benefício da dúvida. O ser humano é o principal indutor do efeito estufa, de furacões, tufões, secas, inundações, incêndios. De fato, a Terra lança gritos agônicos por meio dos quais clama por uma atitude não apenas compassiva, mas também proativa. Não basta que haja uma consciência ambiental. Não basta condoer-se com a morte dos ursos polares.

A bem da verdade, o planeta será salvo não apenas pelos governos ou ONGs nem pela nossa compaixão, mas pelas ações concretas de cada ser humano.

É preciso agir, mesmo fazendo pouco, como o fabulativo beija-flor:

Era verão e o fogo crepitava feroz na floresta. Sobressaltados, os animais se dividiram. Alguns fugiram para o grande rio que permeava a floresta; outros se puseram a debelar o incêndio. Um beija-flor, nas suas idas e vindas, apanhava uma minúscula porção de água e a arremessava sobre as chamas. O obeso elefante, mergulhado no rio para proteger-se do fogo, perguntou ao beija-flor:

– Meu pequeno pássaro, que fazes? Não vês que de nada serve a tua ajuda?

– Sim, respondeu o beija-flor, mas o importante para mim é que estou fazendo minha parte!

Pensamentos

- “Somos responsáveis por aquilo que fazemos, o que não fazemos e o que impedimos de fazer.”

Albert Camus (1913-1960), escritor francês

- “Se não houver frutos, valeu a beleza das flores;
se não houver flores, valeu a sombra das folhas;
se não houver folhas, valeu a intenção da semente.”

Henfil (1944-1988), escritor e humorista mineiro

- “Aquele que luta contra nós aprimora nossas qualidades. Nosso antagonista trabalha por nós.”

Edmund Barke (1729-1797), escritor irlandês

Os bons ensinamentos: uma rota segura

“Um educador sempre afeta a eternidade.

Ele nunca saberá onde sua influência termina.”

Henry Adams (1838-1918), historiador americano

Uma maravilhosa lição de vida pode ser obtida dos gansos selvagens canadenses que migram do hemisfério norte para o sul. Como arautos de mudanças, quando partem, é prenúncio de frio. Ao retornarem, é chegado o verão.

Guiados pelo sol e pelo campo magnético da Terra, cumprem a rota mais curta e somente estabelecem grandes curvas para evitar desertos e oceanos.

Neste longo voo, a formação do bando é a de um majestoso V, cujo vértice está voltado para frente. Nessa formação geométrica, cada pássaro da frente cria um vácuo para o de trás, rendendo ao grupo quase o dobro do aproveitamento com o mesmo esforço.

Família e escola nos ensinam que quando um conjunto de pessoas compartilha o mesmo objetivo, e de forma organizada, é mais leve a tarefa de cada um, e os resultados são extraordinários.

Ao ganso da frente cabe a tarefa de dar direção ao bando. E, quando cansa, alterna a posição de ponta com outro pássaro. É o líder. Em seu peito, batem as rajadas do vento forte, os pingos da chuva castigam seus olhos. Mas é ele, o líder, que tem as asas fortalecidas, que vislumbra melhor o horizonte, que contempla melhor as belezas do sol nascente e do sol poente. Os problemas são como as rajadas de vento que nos fortalecem para enfrentarmos a vida com mais determinação. E Deus nunca nos dá tudo. Mas também não nos priva de tudo. E por mais que haja dificuldades, Ele não permite embates maiores que a nossa capacidade de vencê-los.

Os líderes sacrificam muitas vezes a si próprios por uma causa relevante cujo maior prêmio não é o triunfo, mas a imensa satisfação do dever cumprido. E se fracassam, “resta o conforto de que mais valem as lágrimas de não ter vencido do que a vergonha de não ter lutado”.

Quando um dos gansos é ferido ou fica doente, incontinenti, dois deles saem da formação e lhe dão companhia e proteção. É a manifestação da solidariedade em se postar ao lado das pessoas em seus momentos difíceis. Quem não tem amor e amizade em seu coração, sofre da pior doença cardíaca.

E se hoje somos o ganso que ocupa o vértice – somos o líder –, amanhã dois outros gansos poderão nos fazer companhia, por estarmos enfermos ou senis.

Na formação angular, os gansos que vêm atrás grasnam freneticamente para motivar os da frente. Na convivência em grupo, tanto é importante a nossa efetiva participação quanto as palavras encorajadoras. Pessoas motivadas são mais felizes e produtivas. A ação organizada unida ao entusiasmo produz uma força insuperável.

Ter uma rota segura é considerar os bons ensinamentos transmitidos pelos pais, professores e bons amigos. São eles os timoneiros, os grandes educadores. A propósito, educar tem raiz numa palavra latina belíssima: *ducere*, que significa conduzir, mostrar o caminho. São eles que abrem as portas do futuro e iluminam o nosso caminho com as luzes mais brilhantes que puderam encontrar. Sim, somos um pouco de cada familiar, de cada professor e de cada amigo que tivemos.

Pensamentos

- “Só há uma coisa no mundo pior que falarem mal de nós. É não falarem de nós.”
Oscar Wilde (1854-1900), escritor inglês de origem irlandesa
- “Quando morreres, só levarás contigo aquilo que tiveres dado.”
Saadi (1184-1291), poeta persa
- “Quando a versão contraria os fatos, pior para os fatos.”
Chiste popular

Não há n-berto?

Um matemático, chamado Roberto, tinha três filhos:

1. Zero-berto;
2. Um-berto;
3. Dois-berto.

Pensamentos

- “As dificuldades são como as montanhas: só se aplainam quando avançamos sobre elas.”

Émile Zola (1837-1902), escritor francês

- “Brincar com a criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.”

Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), poeta mineiro

- O amor não garante uma boa coabitação.

O rato planejador

Dois ratos passeavam despreocupadamente. O primeiro rato vangloriava-se do seu doutorado em Planejamento Estratégico nos EUA. Fazendo tocaia, um gato saltou e pôs a pata em cima do segundo rato. Este, aterrorizado, suplicou ao rato planejador:

- O que você faz aí, parado? Ajude-me!
- Estou planejando!
- Planejando o quê? Socorro!
- Já sei: vire um pit bull!
- Mas como?
- Bem ... Eu planejo, você tem que executar!

Moral da história:

Entre planejar e executar há no meio um mar.

Pensamentos

- “Duas coisas indicam fraqueza: calar-se, quando é preciso falar; e falar, quando é preciso calar-se.”

Adágio árabe

- “Negócios são como carrinho de mão: se você não empurra, ele não vai.”

Dito popular

- “Nunca na minha vida aprendi, fosse o que fosse, daqueles que sempre concordaram comigo.”

Dudley F. Malone (1882-1950), político americano

A difícil arte de equilibrar afeto e limites

“A estrutura básica do ser humano não é a razão e sim, o afeto” – ensina apropriadamente Leonardo Boff, autor de 72 livros e renomado intelectual brasileiro. Realmente, quanto mais tecnológico se torna o mundo hodierno, maiores são as demandas por valores humanos e afetivos.



Recente pesquisa patrocinada pela Unicef mostra que, para 93% dos jovens brasileiros, a família e a escola são as instituições mais importantes da sociedade. As crianças e adolescentes que têm modelo, afeto e limites em casa e no colégio, mui raramente se envolvem com drogas, violência, pois nutrem-se de relacionamentos estáveis e saudáveis.

O Dr. Dráuzio Varella, com a autoridade de quem conviveu com as mais profundas metamorfoses, suas virtudes e mazelas, cita os dois principais fatores que levam o indivíduo aos descaminhos da marginalidade: 1) negligência afetiva; 2) ausência de limites.

A nossa relação com o educando – seja filho ou aluno – não pode ser tibia, leniente, permissiva, mas sim intensa e proativa, mormente na imposição de disciplina, respeito às normas e à hierarquia. Até porque, quem bem ama impõe privações e limites. E sem disciplina não há aprendizagem nem na escola, nem para a vida.

Nós, pais, vivemos hoje alguns dilemas angustiantes: 1) oferecemos ao nosso filho um caminho por demais florido, plano e pavimentado, mas temos certeza de que mais tarde ele terá que percorrer trilhas e escarpas pedregosas; 2) protegemos nossas crianças e adolescentes das pequenas frustrações, mas bem sabemos que a vida, mais tarde, fatalmente se encarregará das grandes; 3) tudo fazemos para não privar nosso filho de conforto, bens materiais, shoppings, lazer etc. mas destarte não estamos criando uma geração por demais hedonista e alheia aos problemas sociais?

Para esses paradoxos, não há Manual de Instruções. Mas se houvesse, duas palavras comporiam o título deste manual: AFETO e LIMITES. São pratos distintos de uma balança e há que prevalecer o equilíbrio, a medida e o bom senso.

Mais que no passado, ao percorrer o seu caminho, o jovem de hoje encontra muitas bifurcações, tendo, amiúde, que decidir entre o bem e o mal, entre o certo e o errado.

Em cada etapa da vida, é bom que o nosso educando cometa pequenos erros e seja responsabilizado por eles, mas também que tenha clareza das nefastas consequências dos grandes ou irreversíveis erros, para que possa evitá-los. Por exemplo: uma gravidez indesejada; exposição excessiva ao risco; envolvimento com drogas, álcool, tabaco, DST, brigas violentas, furtos etc.

Num crescendo, a criança e o adolescente devem adquirir o direito de fazer escolhas, aprendendo a autoadministrar-se. “Sem liberdade, o ser humano não se educa. Sem autoridade, não se educa para a liberdade.” – pondera o educador suíço Jean Piaget (1896-1980). Autoridade e liberdade, exercidas com equilíbrio, são manifestações de afeto, ensinam segurança e proteção para a vida adulta. “Autoridade é fundamental, a superproteção e a permissividade impedem que os jovens amadureçam” – completa a professora da UFRJ Tânia Zagury.

Aos filhos, devemos “dar-lhes raízes e asas” (valores e liberdade). E nós, pais, educamos pouco pelos cromossomos e muito como-somos (exemplos). Sai sempre ganhando quem sabe amar, dialogar, conviver com erros e também quem sabe ser firme e coerente em suas atitudes.

Pensamentos

- “Quando chega à meia-idade, o homem quer a segurança do porto que é o casamento. Porém, adora o vento no rosto, que são as conquistas amorosas.”

Lidia Aratangy, psicoterapeuta paulista

- “Trabalho não mata ninguém. O que mata é a raiva.”

Adib Jatene (n. 1929), cardiologista e ministro da Saúde de 1994 a 96

- “Condoer-se com os sofrimentos de um amigo é fácil; difícil é comprar-se com os seus triunfos.”

Oscar Wilde (1856-1900), escritor irlandês

O espirituoso Churchill

Conta-se que Winston Churchill (1874-1965) encontrava-se num salão de festas de um palácio inglês, ladeado de amigos, áulicos e políticos. Enquanto intercalava boas doses de uísque com as baforadas de seu inseparável charuto, aproxima-se uma conhecida desafeta e dispara:

– Winston, se você fosse meu marido, eu poria veneno em seu copo de uísque!

– E se eu fosse o seu marido, beberia, retruca o fleumático Churchill.

Pensamentos

- “Como você punirá aqueles cujo remorso já é maior do que os seus crimes?”

Gibran Khalil Gibran (1893-1931), romancista e filósofo libanês

- “Na vida das empresas não existe sucesso definitivo. O que pode ser definitivo é o fracasso.”

Soichiro Honda (1907-1991), fundador da Honda

- Os filhos vêm para serem nossos professores.

Os verdadeiros líderes não têm o aplauso do seu tempo, mas o têm da história

“Nas veias dos demagogos não corre o leite da ternura humana e sim, o vinagre da burrice ou o veneno da hipocrisia.”

Roberto Campos (1917-2001), ministro, economista e diplomata

Há governantes, líderes comunitários, empresários que vão além do seu tempo, deixando para trás uma maioria míope e reivindicadora. Têm postura de estadistas. São alvos da incompreensão, maledicência, isolamento e agressões. Num movimento pendular sobre suas cabeças, a espada de Dâmocles oscila entre o desagradável e o plausível; esse, porém, muitas vezes inconsequente.

Quando os bons dirigentes propõem mudanças, encontram uma resistência feroz por parte de muitos e o apoio tíbio de uns poucos. Confortam-se com o dever cumprido e com o julgamento da posteridade. Sim, a História – essa “juíza imparcial” – repara injustiças, mas tem o péssimo hábito de andar tão devagar que raramente alcança os grandes líderes em vida.

Há um descompasso entre o aplauso do seu tempo e o aplauso da História. Destarte, o populismo e a demagogia aliciam os líderes fracos como o canto da sereia. “Ainda não descobri a maneira infalível de governar. Mas aprendi a fórmula certa de fracassar: querer agradar a todos, ao mesmo tempo” – discursava apropriadamente John F. Kennedy (1917-1963), meses antes de ser abatido por tiros certos em Dallas.

Em 44 a.C., o mais renomado imperador romano, Caio Júlio César, foi atraído por 23 punhaladas, vítima de uma conspiração. Suas palavras derradeiras demonstram antes de tudo um coração dilacerado pela ingratidão, especialmente de Brutus, filho único e adotivo: *Tu quoque, Brutus, fili mi!* (Até tu, Brutus, filho meu!).

“Você pode enganar todo o povo durante algum tempo e parte do povo durante todo o tempo, mas não pode enganar todo o povo todo o tempo” – faz-se oportuno Abraham Lincoln, o mais venerado presidente dos EUA. Poucos desconhecem as suas vicissitudes: perdeu as eleições para deputado estadual, para deputado federal, para senador e foi assassinado por um fanático sulista em um teatro de Washington. Lincoln costumava repetir que se fosse responder a todas as críticas que lhe eram dirigidas, não trataria de mais nada.

Winston Churchill, ao assumir o governo de coalizão em 1940, proclamou em seu histórico discurso: *I have nothing to offer but blood, toil, sweat and tears* (Eu não tenho nada a oferecer, a não ser sangue, trabalho, suor e lágrimas). Churchill, hodiernamente, considerado o maior líder do século XX, conheceu o gosto amargo do ostracismo e da ingratidão dos ingleses: sofreu derrotas em quatro eleições.

E o que dizer do maior estadista indiano? Para Mahatma Gandhi, a pobreza é a pior forma de violência. Acusado de traidor por fanáticos hindus, em 1948 foi vitimado pelas balas de um deles. Logo ele, o apóstolo da não-violência, que costumava catequizar: “olho por olho e o mundo acabará inteiramente cego.”

Também se faz apropriada uma breve incursão no reino animal. Em algumas regiões inóspitas da Ásia, há manadas de cavalos selvagens que galopam céleres as pradarias e montanhas guiados por um deles. É o cavalo líder e, quando este expõe os demais a uma situação de grande risco de vida, toda a tropa golpeia o líder com coices e patadas.

Um bando de macacos sempre escolhe um líder-olheiro, experiente e vivaz. Este é severamente punido se for negligente, não alertando a tempo a iminência de um perigo ou razia.

Se os animais são implacáveis com os erros e omissões de suas lideranças, nós, racionais, não deixamos por menos: defenestramos governantes. Collor (no Brasil) e De La Rúa (na Argentina) e Nixon (nos EUA) são os exemplos mais eloquentes.

Vamos concluir parafraseando Dante: os piores lugares do inferno deveriam ser reservados a esses governantes, pois geram miséria, inflação e comprometem gerações. O conspícuo filósofo grego Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) já advertia que “a demagogia é a perversão da democracia”.

Pensamentos

- “A vida só pode ser compreendida olhando para trás, mas deve ser vivida olhando para frente.”

Soren A. Kierkegaard (1813-1855), filósofo dinamarquês

- “Nem tudo o que se enfrenta pode ser modificado. Mas nada pode ser modificado até que se enfrente.”

James Baldwin (1924-1987), escritor norte-americano

- “A quem muito foi dado, bastante será exigido.”

Rose Kennedy (1890-1995), matriarca da família Kennedy

A sogra no imaginário popular

- Sogra devia nascer com apenas dois dentes: um para abrir garrafa para o genro e o outro para doer o dia inteiro.
- Sogra é como mandioca: quanto mais enterrada, melhor.
- Sogra é igual a cerveja: é boa gelada e em cima da mesa.
- Só existe uma sogra boa... é a sogra da minha mulher.
- Nunca tenha uma sogra chamada Esperança, porque ela é a última que morre.
- Como se escreve sogra em russo? Resposta: *Sóestrova*.

Pensamentos

- “Moda é vestir a mulher de maneira que queiramos tirar-lhe a roupa.”
Paulo Francis (1930-1997), jornalista e escritor carioca
- “A empresa moderna é a dramática corrida entre a tecnologia e a falência.”
Charles Dygert, consultor norte-americano
- “Na realidade, quanto mais o homem possui acima de suas necessidades, mais amargurada se torna sua vida pelos cuidados e preocupações.”
George Bernard Shaw (1856-1950), escritor irlandês

Vai faltar capim

No Brasil, o povo está dividido entre os otimistas e os pessimistas.

– Quem são os otimistas? – pergunta o Presidente.

– São os que acham que até o final do ano estaremos comendo capim

– responde o Ministro.

– E os pessimistas?

– São os que acham que o capim não vai dar para todo mundo.

Pensamentos

- “De tanto ver triunfar as nulidades,
De tanto ver prosperar a desonra,
De tanto ver crescer a injustiça,
De tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus,
o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra,
a ter vergonha de ser honesto.”

Rui Barbosa (1849-1923), político e juriconsulto baiano

- “Antes, tinha sucesso quem fazia do consumidor um rei. Agora, somente quem faz do consumidor um deus.”

John Sculley, executivo americano, citado por Joelmir Beting

- “Quando um dedo aponta, três (dedos) contra.”

Sabedoria popular

Desafiando o seu raciocínio

III – O homem-branco foi feito prisioneiro de uma feroz tribo indígena. O cacique, querendo demonstrar elevado grau de justiça, remeteu a sentença à inteligência do prisioneiro.

Começou o cacique:

– Você está numa cela onde existem duas portas, cada uma vigiada por um guarda. Existe uma porta que dá para a liberdade; e outra, para a morte. Você está livre para escolher a porta que quiser e por ela sair. Poderá fazer uma pergunta – apenas uma – a um dos dois guardas que vigiam as portas. Ah, ia esquecendo: um dos dois guardas responde sempre a verdade; o outro, invariavelmente, responde com uma mentira. Mas você desconhece qual guarda mente, ou qual diz a verdade. Boa sorte!

O homem-branco pensou bastante. Depois dirigiu-se a um dos guardas e fez uma única pergunta. Apenas uma. E, lampejamente, saiu pela porta que dava para a liberdade.

Qual pergunta o homem-branco fez ao guarda?

Resposta à página 174. Referência III.

Pensamentos

- “O cliente pode demitir todos de uma empresa, do alto executivo para baixo, simplesmente gastando seu dinheiro em outro lugar.”

Sam Walton, fundador da rede americana de supermercados Wal-Mart

- “O corpo que temos aos vinte anos depende de nossos genes, mas o corpo que temos aos quarenta, sessenta ou oitenta anos é o corpo que merecemos.”

Harvey B. Simon in Reader's Digest, novembro de 1996

- “A geração que tanto nos critica é a mesma que nos educou.”

Assinado: um adolescente.

Grafitado em Bauru, citado por Evandro Mota

Triste velhice

Os três indícios da velhice:

- 1.º – perde-se a libido;
- 2.º – perde-se a memória;
- 3.º – ... poxa, não lembro mais!

Pensamentos

- “Reuniões são indispensáveis quando não se quer decidir nada.”

John K. Galbraith (1908-2006), economista canadense e embaixador americano

- “Amar alguém é aceitar envelhecer com ele.”

Albert Camus (1913-1960), escritor francês

- “*A friend to everybody is a friend to nobody.*”

Sentença inglesa: Amigo de todos, amigo de ninguém.

Professor também sofre

Nas décadas de 1970 e 1980, as provas de Geometria Analítica eram feitas aos sábados, às sete horas da manhã, na chamada “câmara de gás” do Centro Politécnico.

Os professores Leo Barsotti, Osny Dacol (de saudosa memória), Ana Maria N. de Oliveira, Luci Watanabe, Ivo Riegler e Jacir Venturi mais pareciam um pelotão de fuzilamento.

Participavam cerca de 700 alunos. “Quem não cola não sai da escola” era a filosofia dos estudantes. Boa parte deles passava a noite em claro preparando-se para aquele “Inferno de Dante”.

Às quatro horas da manhã do dia da prova, toca o telefone na residência do professor Jacir Venturi.

Jacir, assustado, atende:

– Alô...

– O Napoleão está?

– Aqui não tem nenhum Napoleão!

– Mas por que o cavalo dele está dormindo aí?

(Coluna do Malu – publicado no Jornal Gazeta do Povo)

Pensamentos

- “A mente é como ferro: enferruja por falta de uso.”

Eugène Ionesco (1912-1994), dramaturgo francês de origem romena

- “Sai sempre ganhando quem sabe amar, suportar e perdoar; não quem tudo sabe e tudo julga”

Hermann Hesse (1877-1962), escritor alemão

- “O cachorro é o melhor amigo do homem porque não conhece dinheiro.”

Chiste popular

Coisas de mané... mas de Mané Garrincha

Foi bicampeão mundial, jogou nas Copas de 1958 e 1962. Nesta, com a contusão de Pelé, o gênio das pernas tortas, Mané Garrincha, foi de longe o principal jogador. Na semifinal contra os donos da casa, Garrincha liquidou a defesa adversária, mesmo litigando contra uma torcida hostil e um juiz peruano gatuno. O jogo terminou em Brasil 4 x Chile 2, com dois gols de Garrincha e um cruzamento certo para Vavá cabecear. No dia seguinte, o jornal *El Mercurio* estampou: *Garrincha: ¿de qué planeta usted viene?*

Até o circunspeto Carlos Drummond de Andrade se rendeu aos seus encantos, quando o craque morreu, em 1983: “foi um pobre e pequeno mortal que ajudou um país inteiro a sublimar suas tristezas. O pior é que as tristezas voltam e não há outro Garrincha disponível.”

Garrincha foi um legítimo representante do futebol-arte, alegria do povo. Jogou sessenta partidas pela seleção brasileira, de modo que participou de 52 vitórias, sete empates e sofreu apenas uma derrota. Esta, (in)justa, em sua última partida, quando a seleção canarinho perdeu para a Hungria por 3 x 1, na Copa de 1966.

Histórias hilárias a seu respeito são muitas. Vejamos:

O rádio que só falava alemão

Durante a Copa do Mundo de 1958, na Suécia, o nosso grande pontadireita entra numa loja e se encanta com o rádio que estava na prateleira. Pede para ligar na tomada e ouve uma locução numa língua incompreensível. Ao seu lado, o zagueiro Orlando Peçanha – tremendo gozador – sussurra:

– Você está pensando em comprar o rádio? Não, não, ele só fala alemão!

De pronto, o nosso querido Mané desistiu de seu sonho de consumo.

“ARTE” na capital do Renascimento

Já na véspera da Copa de 1958, num amistoso contra o Fiorentina, em Florença, Garrincha driblou toda a defesa italiana e, em seguida, o goleiro. Ficou livre para chutar em direção ao gol. Parou a bola. Viu o zagueirão em disparada na sua direção. Endiabrado, o nosso craque deu um drible tão estonteante que o zagueiro bateu com a cara na trave. Só então – pimba! – um golaço.

O técnico Vicente Feola surtou de raiva. Irritadíssimo, chamou-o de moleque irresponsável, atrevido e, por isso, perderia a condição de titular.

Assim o fez: a desfeita ao adversário custou ao nosso Mané a reserva – de Joel – nos dois primeiros jogos na Copa da Suécia.

Já combinou com os russos?

Garrincha detestava duas coisas: educação física e as preleções dos técnicos. Esquemas táticos? Soavam-lhe como palavras!

Jogadas criativas e dribles sempre para a direita eram suas características. Claro que seus marcadores sabiam disso. Mas, qual o quê! Levavam a pior!

Na Copa de 1958, véspera do jogo contra a Rússia, então URSS, a preocupação era Tsarev, temível lateral incumbido de uma missão impossível: segurar Mané.

O técnico Feola se esmerava junto ao nosso craque: “quando o Tsarev vier em disparada, passe a bola. Quando o outro beque vier pela direita, drible pela esquerda...”. Enfim, havia mil recomendações, cabendo as iniciativas aos russos.

Na sua simplicidade, Mané Garrincha lança a pergunta demolidora:

– O senhor já combinou tudo isso com os russos?

Presente naquela memorável partida, Nilton Santos conta que “os russos começaram marcando mano a mano. Tsarev foi o primeiro a ser abatido por Garrincha. De repente, um amontoado de russos estavam em volta dele. Era hilariante o desmanche que Mané fazia por ali”.

Foi um jogo memorável e uma grande vitória de 2 x 0, com o nosso craque jogando à sua maneira.

Carlos Drummond também disse, oportunamente, que “se há um deus que regula o futebol, Garrincha foi um de seus delegados, incumbido de zombar de tudo e de todos, nos estádios”.

Pensamentos

- “Governar é optar entre o desagradável e o desastroso.”

John K. Galbraith (1908-2006), economista canadense e embaixador americano

- “O maior orador do mundo é o triunfo.”

Napoleão Bonaparte (1769-1821), imperador da França

- Os cinco “nãos”

Dito jocoso, infelizmente presente em algumas empresas ou comunidades religiosas:

- 1) não pense;
- 2) se pensar, não fale;
- 3) se pensar e falar, não escreva;
- 4) se pensar, falar e escrever, não assine seu nome;
- 5) se pensar, falar, escrever e assinar o seu nome, não se surpreenda.

Mineirices

Quando Tancredo Neves era governador de Minas Gerais, a imprensa e os amigos comentavam que um certo Secretário de Estado seria demitido. Este procurou o governador:

- Querem me intrigar com você. Estão dizendo que o Sr. vai me demitir. Tancredo fitou-o nos olhos:
- Diga que não é verdade, que foi você que pediu demissão.

Pensamentos

- “Dê ao homem tudo o que ele deseja e ele imediatamente achará que tudo não é tudo.”
Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão
- “Úlcera se cura com choro.”
Citado por Otilia Venturi, de Agrônômica, SC
- “As uvas itálias de hoje serão as uvas-passas de amanhã.”
Ivo Pitangui, cirurgião plástico, sobre os malefícios do excesso de sol nas mulheres jovens

A fábula da rã e do escorpião e a reforma tributária

*“Só não podemos escapar da morte e dos impostos.
E só a primeira não dá para piorar.”
(Walt Rostow, consultor norte-americano)*

O fogo crepitava feroz e avassalador. Na margem do largo rio, que permeava a floresta, encontram-se dois inimigos fígadais: a rã e o escorpião.

Lépida e faceira, a rã prepara-se para o salto nas águas salvadoras. O escorpião – que não sabe nadar – aterroriza-se ante a morte certa, ou estorricado pelas chamas ou impiedosamente tragado pelas águas revoltas.

Arguto, e num esforço derradeiro, implora o escorpião:

- Bela rã, leva-me nas tuas costas na travessia do rio!
- Não confio em ti! Teu ferrão é inclemente e mortal, responde a rã.
- Jamais tamanha ingratidão. Ademais, se eu te picar, morte certa para nós dois.